INTERNACIONAL

Nesta edição do boletim apresentamos um balanço dos acontecimentos de 2019 mais relevantes que são os resultados eleitorais na América Latina e em outras regiões do mundo, as mobilizações na América Latina e os golpes da direita, o processo de impeachment de Trump e a crise ambiental na Amazônia.

Principais acontecimentos de 2019

O resultado da eleição parlamentar de 9 de abril em Israel levou o presidente do país, Reuven Rivlin, a convidar Benjamin Netanyahu, do Partido Likud (direita sionista), para compor um novo governo e assim assumir o cargo de primeiro-ministro pela quinta vez, pois, dos candidatos que disputaram, representava o que apresentava maior viabilidade de compor uma coalizão para governar. Isso o tornaria o mais longevo no cargo, superando o tempo de mandato de um dos fundadores do Estado de Israel, Ben Gurion. No entanto, ele não conseguiu aglutinar apoio partidário suficiente, e nova eleição foi convocada para o mês de setembro. Desta vez o Likud chegou em segundo lugar, mas Netanyahu obteve novamente a primazia de tentar compor o governo, porém fracassou mais uma vez. Ele chegou a oferecer uma coalizão com o candidato "Azul e Branco", Benny Gantz, propondo dividir a condução do mandato com dois anos para cada um, mas este respondeu que só aceitaria se o primeiro-ministro indicado pelo Likud não fosse Netanyahu, que será julgado por três crimes nos próximos meses. Foi então oferecida a oportunidade de Ganz compor o governo, mas este já "jogou a toalha" e novas eleições deverão ser convocadas.

Na Espanha também houve duas eleições este ano e em ambas o PSOE chegou em primeiro lugar, porém sem alcançar a maioria absoluta para governar sozinho. O Unidos-Podemos se dispôs a ingressar em um governo hegemonizado pelos socialistas, mas estes entenderam que as reivindicações da esquerda eram incompatíveis com o tamanho da sua bancada e nenhum acordo se viabilizou. Na segunda eleição, em novembro, o PSOE e o Unidos-Podemos perderam algumas cadeiras, enquanto a extrema-direita representada pelo Vox cresceu exponencialmente, principalmente às custas do Ciudadanos, de centro-direita. Desta vez, o PSOE levou em consideração que não há mais bipartidarismo na Espanha (PP x PSOE) e que as coalizões são necessárias para governar. Ofereceu ao Unidos-Podemos praticamente o mesmo acordo que foi rejeitado em abril e, a depender da adesão também de alguns partidos regionais, um novo governo deverá se viabilizar conduzido pelo presidente Pedro Sanchez.

As eleições finlandesas ocorreram dia 14 de abril e deram a primeira colocação para o Partido Social Democrata Finlandês, com quarenta cadeiras de um total de duzentas no parlamento. Em segundo lugar chegou o partido "Os Finlandeses", com 39 cadeiras. Este é conservador e de extrema-direita no que tange à migração e costumes, além de ser

eurocético e contra o chamado "globalismo". Recentemente assumiu o cargo de primeira-ministra pelo Social Democratas, Sanna Marin, uma mulher que é hoje a governante mais jovem da Europa.

A Ucrânia entrou para o grupo de países que elegeram um chefe de Estado que se define como anti-sistema. Nas eleições do dia 21 de abril, o ator e comediante Volodímir Zelenski, venceu o atual presidente, Petro Poroshenko, com a expressiva porcentagem de 73% dos votos e irá governar pelos próximos cinco anos. Sem experiência política alguma, Zelenski fez uma campanha com promessas vagas, onde seu carro-chefe foi pregar o fim da corrupção.

Nesse meio tempo houve também novas eleições parlamentares na Áustria, onde a direita sagrou-se vitoriosa após o rompimento com a extrema-direita envolvida em corrupção.

O Partido Social Democrata dinamarquês foi o mais votado nas eleições ocorridas no primeiro semestre e como a soma das cadeiras dos partidos considerados de esquerda foi majoritária, os socialdemocratas obtiveram da rainha a primazia de tentar montar um governo. Foi feito um acordo com este conjunto de partidos para que votassem a favor de um governo social democrata minoritário com apoio deles no parlamento.

O conservador Kyriakos Mitsotakis venceu as eleições parlamentares na Grécia no dia 7 de julho. Seu partido, o Nova Democracia, obteve 39,85% dos votos e a maioria absoluta no parlamento – 158 cadeiras de trezentas – graças ao bônus de cinquenta assentos adicionais que o partido mais votado tem direito. O partido do atual primeiro-ministro Alexis Tsipras, o progressista Syriza, ficou em segundo lugar, com 31,53% dos votos e 86 cadeiras. O Partido Comunista Grego (KKE) obteve 5,3% dos votos e quinze cadeiras, enquanto dois novos partidos, o "Solução Grega" (ECR) conquistou 3,7% dos votos (dez cadeiras) e a "Frente Europeia de Desobediência Realista" (MERA 25), liderada pelo ex-ministro das finanças, Yannis Varoufakis, que rompeu com o Syriza quando este decidiu permanecer na zona do Euro e negociar com a Troika (Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional) em 2015. A boa notícia é que a extrema-direita representada pelo Partido Aurora Dourada não alcançou o mínimo de 3% para se fazer representar no parlamento.

A aliança entre os dois partidos que governavam a Itália, o Movimento 5 Estrelas (M5S) e a fascista Liga Norte terminou. O líder da Liga, Matteo Salvini, tentou antecipar as eleições, já que as pesquisas mostravam seu partido bem situado quando foi o mais votado para o Parlamento Europeu. No entanto, o tiro saiu pela culatra: desfez-se o governo e viabilizou-se uma nova composição entre o M5S e o Partido Democrata, mantendo Giuseppe Conte, defenestrado por Salvini do cargo de primeiro-ministro.

Dois meses depois da renúncia de Theresa May, o parlamento de maioria conservadora do Reino Unido escolheu um novo primeiro-ministro, o polêmico ex-prefeito de Londres, Boris Johnson. Ele foi escolhido como líder dos Conservadores e a substituirá após uma série de disputas dentro do partido que terminaram entre Johnson e o ministro das Relações Exteriores, Jeremy Hunt, na qual o primeiro foi eleito com 66% dos votos. Após várias tentativas frustradas de aprovar o encaminhamento do Brexit no parlamento, Johnson propôs antecipar as eleições de 2022 para este ano. Equivocadamente a oposição aceitou e os conservadores obtiveram um resultado expressivo com base no slogan "Vamos concluir o Brexit", o que deverá ocorrer até janeiro de 2020. Por sua vez, o Partido Trabalhista, que se apresentou com uma plataforma social democrata, embora crescesse nas últimas semanas de campanha, amargou uma derrota sem igual desde 1935.

Um social democrata do PRD foi eleito no mês de maio como presidente do Panamá após uma década de governos de direita. Nas eleições presidenciais realizadas em outubro, confirmou-se a reeleição de Justin Trudeau, do Partido Liberal do Canadá. A esquerda também pode comemorar a eleição da chapa Alberto Fernández e Christina Kirchner já no primeiro turno presidencial argentino e, da mesma forma, a eleição de Axel Kicillof como governador da província de Buenos Aires, a mais importante do país. Na Colômbia houve eleições departamentais e as diversas formações de esquerda e progressistas obtiveram bons resultados. Foi eleita em Bogotá Claudia Lopez, a primeira mulher LGBTQI+ a

governar uma capital na América Latina.

As más notícias ficaram por conta da Bolívia e do Uruguai. Evo Morales, candidato à reeleição na Bolívia, chegou em primeiro lugar e venceu no primeiro turno das eleições presidenciais em 20 de outubro. O resultado foi questionado e após algumas semanas de protestos das forças de direita ele foi pressionado pelo Exército a renunciar, embora se dispusesse a substituir os integrantes do tribunal eleitoral e convocar novas eleições. No Uruguai, o candidato da Frente Ampla, Daniel Martinez, foi o primeiro colocado no primeiro turno da eleição presidencial com 38% dos votos, mas a direita toda se uniu no segundo turno em torno do candidato Luis Lacalle Pou, do Partido Nacional (Blanco) e este venceu, mas com uma diferença de apenas trinta mil votos, menos de 1%, contrariando as pesquisas que lhe davam uma diferença bem maior.

O começo de 2019 foi conturbado para a Venezuela, país que há alguns anos passa por uma grave crise econômica e política. Logo após Nicolás Maduro, do PSUV, tomar posse para seu segundo mandato no dia 10 de janeiro, o oposicionista Juan Guaidó, do partido Voluntad Popular de extrema-direita e presidente da Assembleia Nacional, se autodeclarou presidente interino, tentando solapar as eleições de maio de 2018 que haviam dado a vitória a Maduro. Guaidó foi respaldado por vários países como Estados Unidos, Canadá, alguns países europeus e da América do Sul governados pela direita, particularmente Brasil e Colômbia, que fazem parte do Grupo de Lima. Este grupo, além de hostilizar o governo venezuelano, vem tentando boicotar várias iniciativas de integração, como o Mercosul. Recentemente o Brasil e outros oficializaram sua saída do bloco União das Nações Sul-Americanas (Unasul). O episódio marca o constante enfraquecimento de um projeto soberano de política externa, bem como uma guinada nas relações entre os países da região com os Estados Unidos.

O ano foi também marcado por fortes mobilizações populares em vários países do continente, a começar pelo povo haitiano, revoltado com as políticas do presidente Jovenel Moise e o acordo assinado com o FMI, seguidas pelas greves de professores e trabalhadores da saúde contra os planos de privatização das políticas públicas do ilegítimo presidente de Honduras, que venceu as duas últimas eleições por meio de fraudes, Juan Orlando Hernández, do Partido Nacional (conservador de direita). Estas transformaram-se em uma grande mobilização popular pela sua destituição, inclusive com a participação das forças policiais, que também aderiram num primeiro momento.

Manifestações semelhantes contra as políticas neoliberais incendiaram outros países, como o Equador, onde o governo teve de recuar da intenção de cortar os subsídios aos combustíveis; Chile e Colômbia, onde as mobilizações continuam, no caso do primeiro já por dois meses. Estas mobilizações custaram mais de uma centena de mortes nesses países e, particularmente no Chile, registraram-se torturas e estupros de prisioneiros, além de a polícia ter disparado balas de borracha à altura dos olhos e misturar soda cáustica na água utilizada para reprimir os manifestantes com o intuito de cegá-los. Denuncia-se que aproximadamente trezentas pessoas sofreram ferimentos nos olhos.

O Congresso estadunidense deu início a um processo de impeachment do presidente Donald Trump, em setembro, devido aos indícios de que teria chantageado o novo presidente da Ucrânia, Volodímir Zelenski, para investigar os negócios do filho de Joe Biden naquele país, uma vez que Biden era o candidato democrata à presidência que atingia os melhores resultados nas pesquisas eleitorais para 2010. Entretanto, dificilmente o processo vencerá no Senado, onde os republicanos têm expressiva maioria.

Por fim, a crise ambiental na Amazônia iniciada com o aumento extraordinário dos índices de queimadas e devastação da floresta em agosto e que se mantém até o momento expôs ao mundo a faceta anti meio ambiente do governo Bolsonaro, que se soma a várias outras posições contra os direitos humanos na esfera internacional, além de seu alinhamento automático a governos como o dos Estados Unidos e Israel em troca de nada. O profissionalismo, a boa imagem e o respeito que tradicionalmente a diplomacia brasileira possuía e que galgou vários degraus a mais durante o governo Lula (2003-2010) foram para o lixo.